

A QUALIDADE DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR NUMA ERA GLOBALIZADA

Elaine Teresa Mandelli Arns,
Lieser Ana Witt*

Resumo

O presente artigo nasceu da preocupação com a qualidade de formação dos professores na atual era globalizada, e com seu reflexo no mercado de trabalho, principalmente com a abertura e expansão das Instituições de Ensino Superior particulares. Buscou-se mostrar como essas instituições têm produzido a formação de mão-de-obra de baixo valor, desvalorizando o capital humano e abrindo uma carreira de competitividade derivada de uma nova era tecnológica. As transformações que ocorrem no campo educacional abrem novas crises e geram pressões nos âmbitos social, cultural e educacional. Diante dessas transformações, propõe-se uma interpretação da realidade com um melhor aproveitamento do capital internacional e com um direcionamento pedagógico igualitário para a formação adequada.

Palavras-chave: Formação profissional. Capital humano. Competitividade.

Abstract

This paper derives from a concern with the quality of specialized training for educational professionals in our global world as well as from a concern with its impact on the job market, especially in the context of the present expansion of private superior education in Brazil. It sought to explain how these institutions have attained the formation of low-cost work power, thus undervaluing human capital and emphasizing professional competition vis-à-vis the new technological era. The transformations now taking place in the educational field open new crises and produce new pressures in the social, cultural, and educational environments. As we face these transformations, we propose a new interpretation for reality geared towards a better use of international resources and egalitarian educational directives for adequate professional training.

Key Words: Professional training. Human capital. Competitiveness.

Este artigo pretende analisar a educação frente à globalização, especificamente com relação à formação do docente e se esta está sendo realizada com a qualidade necessária. Enquanto se observa que os profissionais que entram no mercado de trabalho não possuem a devida

qualificação, nas instituições de ensino superior não há políticas públicas satisfatórias para a melhoria da qualidade do ensino. Mesmo nas instituições privadas, observa-se, muitas vezes, apenas a proliferação de cursos de menor duração, caracterizados pela presença de docentes

***Elaine Teresa Mandelli Arns** é mestre em Engenharia de Produção pela UFSC, docente nas faculdades Bagozzi, Facel e Facsul, em Curitiba e Campina Grande do Sul, respectivamente: elaine.arns@gmail.com; **Lieser Ana Witt** é graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Exponente, em Curitiba: lieseranawitt@yahoo.com.br.

com pouca qualificação para estarem à frente das salas de aula e a busca de ganhos em escala.

Segundo Meneguel (2002) o Banco Mundial, nas décadas de 80 e 90, impôs aos países da América Latina um modelo baseado na lógica utilitarista do mercado, que confere às IES caráter tecnicista, produtivista e quantitativo. Nesse contexto, compreende-se a forte expansão de matrículas, preponderando iniciativas do setor privado, o crescimento do sistema público, sem aumentos correspondentes de investimentos no setor e a diversificação institucional. Esse processo refletiu-se no Brasil, mais fortemente, a partir do governo Fernando Henrique Cardoso, que promoveu alterações na lei n.º 9.394/96, Lei de diretrizes e Bases - LDB.

A GLOBALIZAÇÃO E O ENSINO

Primeiramente, frente às mudanças que ocorreram nas últimas décadas, não somente nos planos políticos, mas também sociais e culturais, devido à transformação da informação globalizada que tomou a “velocidade da luz”, quebrando as fronteiras e criando rápido intercâmbio entre as nações, percebe-se a existência de uma “crise” resultante das brechas no âmbito educacional. A busca por capital humano põe seu foco na mão-de-obra barata. Portanto, é necessário tomar atitudes articuladas e conjuntas, não paliativas, que solucionem essa dificuldade.

A globalização é, sem dúvida, um fator chave para a geração de competitividade. As transformações nos meios sociais, econômicos e culturais têm revolucionado o mercado profissional, fazendo com que surjam novas articulações, bem como novos eixos no trabalho e na atividade diária. A ampliação dos trabalhos requer um trabalhador multiquificado, polivalente, capaz de “exercer funções mais abstratas e intelectuais, implicando cada vez menos trabalho manual e cada vez mais manipulação simbólica”. (DELUIZ, 2006, p. 15 a 21). Mas essas mudanças se dão no processo de produção e não nos modos de produção: educação ainda continua sendo educação.

Uma nova gestão educacional passa a ser o elemento chave dentro dos setores empresariais e industriais, porém abre uma dualização social que aumenta as diferenças sócio-educacionais. Existem hoje duas sociedades> Há uma sociedade que, por possuir as habilidades e competências, os conhecimentos formais e intelectuais para trabalhar o campo informacional, tem prioridades e perspectivas maiores. Mas há, também, a sociedade excluída pela falta desses mesmos processos educacionais. Tecer um eixo entre universidade e sociedade na atual era globalizada tem sido um desafio, pois a fragmentação do ensino esbarra nos primórdios não só da educação superior, mas vem das infinitas crises pelas quais mesmo o ensino fundamental passou

e tem passado. Essa crise tem afetado tanto o lado docente quanto o discente.

A educação superior atual está excessivamente ligada ao mercado, e a demanda deste produz uma enxurrada de mão-de-obra barata e desqualificada. A abertura do mercado internacional trouxe uma dinamização de instituições e universidades que ampliaram o leque profissional, atendendo os vértices criados pela globalização. Dessa forma, insere-se no mercado trabalhista, com muita facilidade, essa que definimos como mão-de-obra barata. No entanto, as perguntas que ressoam nesse contexto são: como a mão-de-obra é formada? Como está sendo preparado o profissional dos novos tempos, o atual homem global? Sabendo-se que crise gera crise, percebe-se que o avanço tecnológico pode estar colocando a perder a competência e as habilidades do ensino superior.

Ao abordar competências e habilidades, fala-se de resultados, capacidade de elucidar problemas em situações conflitantes e cotidianas. É, no entanto, necessário identificar essas competências, conforme afirma Deluiz (1996, p. 15-21),

A certificação das competências surge, então, como forma de reconhecer as competências dos trabalhadores, que são sempre provisórias e devem ser constantemente avaliadas por organismos constituídos para

tal fim. Neste caso, a educação continuada na empresa e a formação em alternância em instituições de formação profissional, representariam uma maneira de manter atualizada uma carteira de competências.

Por outro lado, Freire (1987) afirma que “devemos passar da cultura da queixa para a cultura da transformação”, pois não há fórmulas mágicas para definir nem traços seguros para trilhar no caminho da educação; o que nos resta é interpretar, de forma lúcida e coerente, a nossa atual realidade. Cabe aos educadores desenvolver as habilidades necessárias, vivenciar as mudanças e trazê-las à prática. A entrada da tecnologia mudou os caminhos do saber, a transformação do conhecimento expandiu-se de forma que hoje o estudo está incorporado dentro e fora das salas de aula. O ensino está presente dentro das empresas que optaram pelas universidades corporativas como uma forma adequada de trazer o professor para dentro do próprio trabalho e conceder a chance de um ensino continuado a seus funcionários. Mesmo dentre todas as mazelas do cotidiano, a matéria-prima do momento ainda é a educação. Uma educação de transformação será aquela que traga o aluno para um nível elevado de conhecimento, valorizando o seu tempo de trabalho, seu conhecimento de mundo,

...respeitando às necessidades de maior

escolarização, maior eficiência, produtividade e competitividade, em razão das transformações do estágio atual do capitalismo e das alterações culturais e sociais. Entretanto, dadas a fragilidade econômica e a baixa competitividade internacional de países como o Brasil e os demais da América Latina, a educação mais qualificada não lhes é muito requerida pelo jogo de relações econômicas da globalização. Isso relegaria esses países a um papel subalterno na economia global: simples provedores de matéria-prima e mão-de-obra barata. (SOBRINHO, 2005, p. 164-173).

O poder ainda vem do conhecimento, e este é intrínseco ao professorado, carente de investimentos em sua área. No lado político social, sabe-se que a luta da classe docente tem sido uma constante reformulação do velho e do novo. Os tempos vão e vêm e ainda passam por greves e discussões geradas pela falta de investimentos no âmbito educacional. O mercado atual tem agilidade e perspicácia perante a globalização, mas ainda não se tem uma política de investimento correta. Como se percebe, o Brasil não está consciente da importância da educação. É certo, não obstante, que algumas empresas nacionais têm buscado essa conscientização e lentamente abre-se um caminho para a educação continuada, que é um rumo certo para a formação do capital humano.

A QUALIDADE DA FORMAÇÃO SUPERIOR

A atualidade pede, dentro da sociedade do conhecimento, que as pessoas busquem e exercitem um aprendizado vitalício. Conforme muito se tem repetido na área pedagógica, é preciso aprender a aprender. É claro que o nível de conhecimento produzido pela globalização é impactante. A aplicação e o uso desse conhecimento criam a pertinente exigência de uma organização das idéias. Sem dúvida, o assessoramento educacional em relação a um mercado tão exigente, mostra a necessidade de uma formação universitária que direcione o futuro trabalhador para que se converta em mão-de-obra qualificada. Ao se observar o amplo mercado profissional, percebe-se que existem muitas vagas profissionais, porém faltam profissionais qualificados para o seu preenchimento. É nesse âmbito que a formação superior vem demonstrando uma precarização continuada, obviamente desprovida de uma distribuição igualitária e justa, causando a exclusão social. A preocupação com a qualidade do ensino superior é, muitas vezes, superada pela preocupação com a quantidade. Existe, por isso, um número sem fim de cursos profissionalizantes enquanto que tecnólogos têm inundado o mercado que os absorve rapidamente por razões de economia.

O setor de ensino privado vê deflagrada uma “corrida de gigantes” rumo

a uma maior concentração de alunos e a possibilidade de economia em grande escala. Os grupos educacionais tornam-se maiores a cada dia, aumentando muito a dificuldade das pequenas IES em manterem-se competitivas. De um lado, as grandes IES, em permanente expansão com o objetivo de atuarem em todo o território nacional, formam, no mercado, *holdings* educacionais,¹ que, em sua maioria, são um conjunto de instituições mantidas pela mesma mantenedora, e que passam a atuar nesse modelo.

A consolidação não pára aí. Há ainda uma dúzia de novos candidatos a *holding* tentando se estabelecer. O resultado disso é a geração de economia em escala com pressão sobre os valores médios de mensalidade, que tenderão a cair ainda mais. Há pouco tempo não se falava em “economia de escala” no setor educacional. O maior custo do setor dependia da folha de pessoal e nesta não se aplicava o ganho em escala. Com a inserção das novas tecnologias da informação no contexto da relação ensino/aprendizagem, integradas a projetos de unificação de matrizes

curriculares, o ganho em escala passou a ser mais significativo no setor educacional, mesmo em relação aos custos com pessoal.

Não se discutem aqui, especificamente, a quantidade de cursos e o ganho em escala, mas sim a qualidade destes: de que forma o novo trabalhador está sendo preparado e por quem? Que espécie de mestre está preocupada com as competências e habilidades do aluno em questão? A formação profissional deve partir do desenvolvimento e capacitação do aluno trabalhador e, para isso, deve-se capacitar melhor o docente, criando uma política que articule sua formação diretamente com a profissão.

Se, por um lado, existe a crise envolvendo o acadêmico frente ao trabalho e suas competências, a classe docente sofre muito mais as pressões da globalização, pois se exige que o docente esteja à frente da mesma para direcioná-la. Com a aceleração das informações, o professor já não pode mais ir ao almoxarifado buscar material para lecionar, dele se exige muito. Hoje um professor é medido pela quantidade de projetos, pesquisas e artigos escritos em revistas. Essa cultura da produtividade faz do docente um captador de recursos extra-orçamentários, e isso é mensurado por avaliações que esquartejam, tipificam e classificam os professores, que hoje buscam especializações, mestrados e doutorados para obter um aparato ético-

¹ *Holding* é uma forma de oligopólio no qual é criada uma empresa para administrar um grupo delas (conglomerado) que se uniu com o intuito de promover o domínio de determinada oferta de produtos e/ou serviços. Em *holdings*, a empresa criada para administrar possui a maioria das ações das empresas componentes de determinado grupo. Essa forma de administração é muito praticada pelas grandes corporações.

profissional que o auxilie a preparar o futuro da educação.

Por fim, a pedagogia formacional deve ser unitária, pois o processo de aprendizagem deve partir da experiência obtida, porém com os pilares da educação do aprender a aprender, aprender a ser e o aprender a fazer. (DELORS, 2000).

A valorização do setor educacional está ocorrendo no ritmo de sempre, em ondas que vão e vêm, com aproveitamentos e desaprovações, mas a realidade de cada momento é que permite a sincronização dos setores ligados a ela. Portanto, a interpretação do momento é muito mais que pertinente. Hoje é preciso dominar as metodologias de ensino e unir os caminhos pedagógicos para complementar a formação adequada que o mercado busca, de forma que se insira no mercado o profissional qualificado para a vaga destinada, com convicção, auto-estima e responsabilidade adequadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Carta de Informação do Instituto Internacional de Planejamento e Educação da UNESCO, quando conceitua o perfil do profissional dos próximos anos e estabelece a forma de prepará-lo para esses tempos, menciona que, para responder aos desafios da globalização, é necessário preparar os indivíduos para o mundo do trabalho no qual as tarefas estão em constante evolução. De acordo com o mesmo documento, a hierarquia será substituída por uma

organização em forma de redes em que a informação transitará através de uma multidão de canais e de maneira informal; o espírito de iniciativa substituirá o de obediência e as lógicas em ação serão bastante complexas por causa da extensão dos mercados.

A educação deve preparar o egresso do ensino superior para desenvolver tarefas para as quais outros indivíduos não foram capacitados, preparando-se para uma vida profissional que não será mais linear. Deve, ainda, melhorar suas atitudes para trabalhar em equipe, usando a informação de maneira autônoma, desenvolvendo suas capacidades de improvisação, assim como sua criatividade, e forjando um pensamento complexo em relação ao funcionamento do mundo real de forma que a globalização venha a ser facilitadora da teia que enreda a educação e a sociedade. Dentro da sociedade, é preciso organizar políticas eficazes que venham colaborar para a formação dos docentes, preparando-os para enfrentar a nova realidade que descrevemos. Este deverá encarar os fatos, adaptar-se à realidade do novo mundo global, conscientizar-se de que as novas tendências educacionais estão abrindo a competitividade a nível internacional, e que são necessárias articulações definidas para a qualidade e não somente para a quantidade.

É positivo e de bom caminho que se abram realmente as redes internacionais, já que, com as políticas locais, não se

podem organizar os setores educacionais. Porém, ao interpretar essas tessituras, os mecanismos podem reagir com uma visão definida como “mercenária”, o que resultará na mão-de-obra barata. Portanto, as parcerias internacionais, as IES, as empresas e as instituições não governamentais precisam de uma linha pedagógica igualitária, na qual predomine a formação em geral, para que se contribua para uma formação discente e também docente qualificada e digna, com responsabilidade e consciente de que a educação é vitalícia. Somente assim, pode-se falar de capital humano em seu sentido mais nobre e positivo.

REFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE O ENSINO SUPERIOR (1998: Paris). **Tendências da educação superior para o século XXI**. Brasília: UNESCO, 1999.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2000.

DELUIZ, Neise. A globalização econômica e os desafios da formação profissional. **Boletim Técnico do SENAC**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 15-21, mai./ago. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUCCI, Elian Alabi. **A educação no contexto da globalização**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirandum/globali.htm>. Acesso em: 12 mai. 2008.

MENEGHEL, Stela M. A relação entre avaliação e regulação na Educação Superior: elementos para o debate. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 28, jul./dez., 2006.

PINO, Ivany. Globalização e educação: precarização do trabalho docente. Parte II. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 89, set./dez., 2004.

SOBRINHO, José Dias. Educação superior, globalização e democratização: qual universidade? **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 28, jan./abr. 2005.

YAMAMOTO, Karina. **Conferência debate rumos da Educação no mundo globalizado**. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/online/cobertura/cobertura_270614.shtml. Acesso em: 12 mai. 2008.